

## A ÚLTIMA HORA DE MÁRIO

Pseudônimo: TÓTO PARADISO

Fabrcio Marques de Oliveira  
FACULDADE DE LETRAS

"Na neblina vaga de velhos sons um fraco ponto de luz aparece: a fala da alma vai logo ser ouvida. Juventude tem fim. O fim está aqui. Não vai ser nunca. Você sabe disso muito bem. E daí? Escreva, desgraçado, escreva sobre isso! Pra que mais você serve?"

James Joyce, na trad. de P. Leminski

Na sensação de estar polindo as minhas unhas, todo me incluo em Mim. Olho as unhas, as mãos. Tristes mãos longas e lindas... Estou em Paris, tenho saúde e dinheiro, posso fazer o que quiser. Não tenho preocupações. Em resumo: sofro muito. Tristes mãos longas e lindas... Hoje vou viver meu último dia feliz.

Vinte e seis anos e nada possuo. Nem mesmo posso dizer, como todos: '*Tenho vinte e seis anos*'. Coisa alguma me pertence e de mim mesmo me disperso, sem saber fixar-me. Separado de mim meu coração aleijado de palavras trepida na cadência de todas as dúvidas. O que eu sou não me conhece. É só de mim que ando delirante.

Eu fui alguém que se enganou e achou mais belo ter errado. Sobremaneira é preciso ter um mínimo de sangue frio pra se errar com tamanha perfeição.

Mil anos me separam de amanhã, entre mim e daqui a pouco,

uma eternidade. Olho em volta de mim: os cinco sentidos a postos, e quantos mais houver. Deliro todas as cores, vivo em roxo e morro em som. Eu sinto muito. E tenho consciência do excesso do que sinto, compreende?

Há uma parte em mim que já foi Deus e que só chora - a parte mais triste. Que seja sobre *nós* a sua melancolia. É tudo. Não lhe posso escrever. Trepida, coração, trepida.

Giro em torno de mim mesmo, num rodopio sem fim. Outrora é que talvez me encontre. Mas não estou bem certo disso, nem de coisa alguma. No Ar as coisas se dissolvem, coisas que não foram. Dói tudo que não foi: horas-platina, luar-ânsia, olor-brocado...

Mínima luz escura se projeta no que sou. Na verdade, meia-luz quase-ser.

Não mais as cartas escritas no café Riche, não mais longos passeios. Fernando, onde estás que não me respondes? Mínima luz escura.

Batam em latas, rompam aos berros e aos pinotes. Façam estalar no ar chicotes, chamem palhaços e acrobatas. Ressoem coturnos e bigornas. Não me digam mais nada.

Smoking e stricnina. Ajeito o smoking. Bebo cinco doses do veneno, calmante. Ficou gasto dizer qualquer palavra. Púidas as emoções, o coração trasteja. Minha solidão a solidão de quem se sabe nem Eu-mesmo nem aquele outro, mas qualquer coisa de intermédio.

Agora vejo o movimento das luzes. Quero alcançá-lo, ir adiante... mas os ossos se quebram sem ao menos avisar-me da ruína. Ao triunfo maior, avante, pois!

Dentro e fora deste quarto de hotel a vida é inútil. Que outros cantem essa vida. Ao longe o triste som de um violino de cego estropiando uma ária. Na morte me compreendo, como uma estrela compreende outra estrela.

Eu sou daqueles que vão até o fim.